

Autora bestseller do *Sunday Times*

HARRIET TYCE

ACABA TUDO À MEIA-NOITE

«Escrito com muita inteligência e ainda mais sombrio
do que *Laranja de Sangue*.»

Sarah Vaughan, autora de *Anatomia de um Escândalo*

TOP
SEL
LER

Parte 1

A RAPOSA

A raposa odeia fogo de artifício. Enquanto os foguetes rebentam, prefere ficar bem escondida, enrolada debaixo de um arbusto, num sítio recatado. Não há nada pior para ela do que o Hogmanay, o Ano Novo, quando Edimburgo inteira é tomada pelas explosões. Em circunstâncias normais, esperaria que o barulho chegasse ao fim, mas hoje tem demasiada fome. Tem havido pouca comida, ultimamente. É hora de ir revirar o lixo, com ou sem foguetes.

O seu poiso de abastecimento habitual fica num logradouro por trás de uma casa a meio de Regent Terrace. Embora os alimentos escasseiem ali na época baixa, quando a casa está cheia há sempre comida a transbordar dos caixotes. Contudo, esta noite não está com sorte. Terá de ir um pouco mais longe.

Esgueira-se até à beira da estrada, em frente às fachadas, a coberto das sebes. Já levou alguns pontapés. Os humanos assustam-na, malditos malcheirosos. Fazem tanto barulho.

Só encontra folhas. Alguns invólucros vazios. Nada com que consiga enganar a fome.

Espeta as orelhas no ar. Ouviu um grito e uma pancada seca. Um pouco afastados, nada que constitua uma ameaça imediata. Detém-se, preparada para largar a correr, para procurar refúgio mais uma

vez. Quando está prestes a virar-se, contudo, sente uma comichão no fundo das narinas. Farejou qualquer coisa.

Sangue.

Carne.

Carne fresca.

Agora que lhe apanhou a pista, aventura-se a atravessar a estrada, os cuidados esquecidos, guiada pelo focinho.

Encontra um rasto húmido a percorrer o passeio até à sarjeta. A rebrilhar sob a luz dos candeeiros da rua. Começa a lambê-lo.

Se olhasse para cima, para a fonte de onde jorra o sangue, perceberia o que aconteceu. Mas não olha. Continua apenas a lamber o líquido vermelho. É o mais parecido com comida a sério que encontra há vários dias.

Assusta-se com mais um estampido. E depois ouve ladrar. Levanta a cabeça. Vem aí um cão, a seguir-lhe o faro. Fica ali um instante parada, à espera, tentando perceber se o cão muda de direção ou se terá de fugir. Continua a sentir a pulsão da fome.

Seria assim que o homem que traz o cão pela trela veria a raposa se olhasse para ela. Imóvel em frente à casa. Uma silhueta recortada no escuro. Uma sombra. Mas a raposa vira-se e foge, finalmente, com a cauda entre as pernas.

Deixa atrás de si um rasto de pequenas pegadas.

Vermelhas de sangue.

00:00:35

Não.

Isto não está a acontecer. Eu não estou aqui, pendurada sobre a vedação, de cara virada para baixo, a fitar o passeio. Vou tentar olhar para cima.

Dói muito. Tento mexer-me, tocar-lhe. O metal frio. O ferro molhado. Levanto a mão outra vez, mas ela cai, flácida.

Não me consigo mexer.

Vejo a minha mão pendurada. Semicerro os olhos, que só se querem fechar.

Vermelho. Está tudo vermelho.

Fecho as pálpebras.

1

— **G**anhou!
— Pois ganhei — respondo, reprimindo um sorriso.

Os familiares da vítima estão mesmo ao nosso lado, à porta do tribunal, e não me apetece esfregar-lhes a derrota na cara. A mãe do meu cliente até pode estar aliviada com a redução da pena de doze para oito anos depois deste recurso, porém, a julgar pelos resmungos e pelos olhares carrancudos do outro lado, eles não ficaram lá muito satisfeitos.

— Não sei como é que consegue dormir à noite — rosna um homem ao passar por mim para se juntar à família. Aperto a toga mais junto ao corpo e inclino a cabeça, de maneira que a peruca me tape os olhos.

— Não lhe ligue — comenta o Jonah, o meu solicitador. Esse não faz por esconder o sorriso. Tem um ar satisfeitíssimo. — Foi uma vitória brilhante.

— Conseguimos o que queríamos — admito. — Deixa-me só trocar de roupa e vamos embora daqui.

— Apetece-vos um copo? — sugere o Jonah, olhando de mim para os pais do nosso cliente, que estão ao nosso lado. Eu assinto, mas eles abanam as cabeças.

— Foi um dia muito cansativo — responde o pai. — Mas obrigado na mesma. É certo que ele vai passar imenso tempo na prisão, mas pelo menos já podemos ver o fim deste martírio.

— Eu acompanho-os à rua — oferece-se o Jonah. Vira-se para mim antes de sair. — Encontramo-nos no Daly's?

Volto a assentir com a cabeça, antes de contornar o ajuntamento hostil em direção ao vestiário, onde troco de roupa à pressa, dobro a toga e enfio-a na mala vermelha com a peruca e a papelada. Normalmente, teria trazido o meu trólei, mas hoje não. As idas ao Tribunal de Recurso são suficientemente raras para merecer a utilização da maleta que me foi oferecida pelo meu primeiro orientador, o meu grande mentor, o mais destacado conselheiro da rainha¹ da comarca, depois do julgamento de rapto que defendemos os dois juntos.

Ele vai ficar contente com o resultado de hoje. Eu também estou satisfeita. Correu tudo tal e qual como eu esperava. Melhor, até.

— Boa, Sylvie! — grita-me o procurador da acusação atrás de mim, quando me preparava para transpor as portas do Tribunal Real de Justiça. Viro-me para ele, voltando a entrar no átrio. — Estiveste bem — continua ele. Examino-o de perto, a perguntar-me se não haverá uma nota de condescendência dissimulada sob o elogio. — Tinha ouvido falar muito bem de ti. Pelos vistos, era tudo verdade.

— Obrigada — respondo, num tom respeitoso. Talvez a condescendência até esteja lá, mas a verdade é que ele é dez anos mais velho que eu. Além de ser conselheiro da rainha e de mexer os seus cordelinhos junto da Comissão de Nomeações Judiciais. Se ele puder ser uma boa referência, não vou estragar as coisas. — Foi um julgamento interessante.

¹ Um Conselheiro da Rainha, ou Conselheiro do Rei durante o reinado de um rei, é um advogado proeminente que é nomeado pelos monarcas para ser um «Conselheiro de Sua Majestade versado em direito». [N. T.]

— Muito interessante, sim. Por uma questão de princípio, eu preferia que trancassem estes pedófilos e deitassem fora a chave, mas é verdade que a tua argumentação conseguiu ser convincente. — Ele inclina-se para mim, assumindo uma expressão familiar. — Constou-me que estavas a pensar vir a ser juíza. Com base no que vi hoje, diria que estás bem encaminhada. — Dá-me uma pancadinha no ombro e afasta-se.

O meu coração começa aos pulos de entusiasmo. Fiquei um passo mais perto do meu santo graal: a faixa vermelha e a beca roxa de uma juíza do Tribunal da Coroa.

O Jonah tinha arranjado uma mesa e pedido uma garrafa de vinho. Enche o meu copo ao ver-me chegar.

— Aquilo foi fantástico — diz assim que me sento. — Parecia que te vinham comer à mão.

— Isso não é maneira de falar acerca dos juízes do Tribunal de Recurso — replico, erguendo o copo para ele. — Mas sim, foram bastante recetivos.

— Foi o argumento do esqueleto que acabou por fazer a diferença. Expuseste tudo tão bem. Fiquei impressionado.

Bebo um gole de vinho, mas o calor que irradia dentro de mim é fruto das palavras dele, não do álcool. Esforcei-me o mais que podia neste recurso. Sabia que havia demasiadas coisas a depender dele. Sim, já sei que tenho de preencher os impressos de candidatura e passar pela catrefada de testes que serão ainda necessários no processo moroso de me tornar juíza, mas, quanto melhor me estiver a sair enquanto advogada, maiores serão as minhas hipóteses.

Bebo mais um gole enquanto olho à minha volta, com a satisfação a impregnar todos os meus ossos. Há um tipo ali ao fundo que reconheço dos tempos da faculdade, agora já muito inchado, com os anos de copos depois do trabalho a deixarem as suas mazelas. Trabalha num escritório de segunda, onde só vão

parar casos mauzinhos, para advogados ainda piores. Ao contrário de mim, acabadinha de sair vitoriosa do Tribunal de Recurso. Apanho o Jonah a fitar-me e sorrio-lhe. Geralmente, costumo temperar a arrogância, ser mais cautelosa na minha autossatisfação. Mas hoje não. O triunfo é meu.

— Então, o que é que vem a seguir para a imparável Sylvie? — indaga ele. — Tens mais algum julgamento de recurso na manga? Planeias continuar a fazer jurisprudência?

Abano a cabeça.

— Vou voltar ao Tribunal Juvenil daqui a poucos dias. O Tribunal Juvenil de Highbury, para ser mais precisa.

Ele faz um ar escandalizado.

— Mas que diabo é que vais lá fazer? Eu tento manter-me bem afastado desse sítio.

— É um julgamento com vários réus — explico, sorrindo perante a estupefação dele. — No qual vou ser a juíza.

A expressão do Jonah desanuvia-se ao compreender.

— Nunca me lembro de que tens um segundo emprego como juíza distrital.

— Sim, mas é só um part-time.

— Uma jogada sensata, aliás. Tendo em conta os teus planos de ser dona disto tudo.

— Não se lhe pode chamar dona disto tudo — respondo, sem conseguir esconder uma careta. — Contento-me em acabar como juíza a tempo inteiro no Tribunal da Coroa.

O Jonah dá uma gargalhada.

— Aposto que te incomoda um bocadinho ter deixado de haver pena de morte. Já te estou a imaginar a decretar a sentença com o pano preto² na cabeça: *Que Deus tenha piedade da sua alma*.

² *Black cap*, no original. Era usado pelo juiz ao proferir uma sentença de morte na lei britânica e irlandesa. O *black cap* não era realmente um boné, mas sim um simples quadrado de tecido preto. [N. T.]

Eu também solto uma gargalhada, embora sinta um calafrio e fique com os pelos dos braços eriçados apesar da atmosfera abafada do bar. Por instantes, dou por mim a milhas de distância daqui. Anos e anos no passado...

— Sylvie? — diz o Jonah, chamando-me de volta ao presente. — Apetece-te jantar? Acho que era porreiro se nos fôssemos divertir um bocado.

Há uma sugestão nas palavras dele que vai muito para lá da comida, e eu ponho-me a contemplá-la, medindo-o de cima a baixo. Podia ser divertido. Já o estou a imaginar: as mãos a apalpar-me, a barba áspera a roçar-me no pescoço. Nas coxas.

Abano a cabeça. Esta noite não.

— Tenho de voltar — respondo. — Alguém está a preparar-me o jantar em casa.

— Ah, pronto — diz ele, quase a conseguir esconder a surpresa, com uma das sobranceiras a erguer-se antes de voltar a recuperar o controlo. — Que bom para ti.

Esvazio o copo e levanto-me.

— Sim, vai ser bastante bom.

Resolvo ir a pé até Oval. Podia ter saído mais tarde, mas assim que o Jonah me fez aquela proposta percebi que eram horas de me vir embora. Não foi a primeira vez que acabámos num bar depois do trabalho, nem teria sido a primeira vez que passávamos daí para um jantar e depois para a cama. Compreendo a surpresa dele ante a minha rejeição, mas estava mesmo a dizer a verdade: tenho uma pessoa a cozinhar-me o jantar em casa.

Entretenho-me a pensar no Gareth enquanto atravesso a ponte de Waterloo e percorro Baylis Road. Consigo imaginá-lo, a cortar e a saltar os legumes, com uma expressão muito concentrada. Nunca conheci ninguém que levasse a comida mais a sério. Enche-me de vergonha com a minha mania do takeaway e do micro-ondas. Da primeira vez que ficou em minha casa, olhou

desdenhoso para o frigorífico e desatou a encher um saco de plástico com os molhos fora de prazo que encontrou na prateleira de cima. Fiquei a observá-lo horrorizada, convencida de que ele me ia deixar por causa dos meus hábitos decididamente pouco *gourmets*.

Isso foi há seis meses, e ele ainda aqui está, a cozinhar para mim. Tenho o frigorífico cheio de condimentos requintados. Já para não falar no vinho. As noites de sexta-feira com um namorado em casa podem ser um novo paradigma para mim, mas não são nem um bocadinho mais sóbrias.

Quando chego a casa, o cheiro a refogado paira, muito intenso, no ar. Abro a porta do apartamento e chamo-o, mas a ventoinha do exaustor está ligada e ninguém me responde. Depois de pou-sar a mala e o casaco, vou até à cozinha. O Gareth está de costas para mim, a mexer qualquer coisa ao lume. Aproximo-me por trás dele e dou-lhe um abraço. Ele dá um pulo sobressaltado e faz um movimento brusco com a mão, a colher de pau a salpicar-me de óleo quente e cebola. Solto um grito e largo-o, correndo para o lava-loiças para enfiar o braço debaixo de água.

Ele desliga o exaustor e a cozinha fica em silêncio, só com o som da água a jorrar da torneira.

— Estás bem? — pergunta ele. — Desculpa, mas pregaste-me cá um susto. Não te ouvi entrar.

— Eu estou bem, a sério — respondo. — Não te queria assustar.

O Gareth estende a mão e pega na minha, virando-me o braço para um lado e para o outro a inspecionar as mazelas. Não fiquei com muitas, só uma pequena mancha avermelhada. Ele leva a queimadura aos lábios e dá-lhe um beijo.

— Não é assim tão mau, já me aconteceu pior. — Mostra-me a outra mão, calejada pelos anos na cozinha. Mãos de amianto.

Faço um sorriso, encosto-me a ele e torno a abraçá-lo, desta vez cara a cara. Ele põe os braços à minha volta e ficamos uns

instantes assim agarrados. Penso nos meus antigos namorados, em como não os deixava sequer passar a noite comigo, quanto mais dar-lhes a chave e o controlo sobre a minha cozinha. Desato a rir-me, com a cara aninhada no ombro dele, e ele larga-me imediatamente.

— Está tudo bem? — pergunta outra vez, preocupado. Olho para ele especada um instante antes de perceber.

— Não estou a chorar — explico. — Estou a rir-me.

— Porque é que te estás a rir?

— Porque estou feliz — digo. — É tão bom ter-te aqui.

Vou despír o fato enquanto ele acaba o jantar, fechando-me na casa de banho para retocar o rosto. Sinto-me descontraída com ele; mais do que descontraída, aliás. O suficiente para vestir umas simples calças de fato de treino e um top, mas não para deixar de usar maquilhagem — embora tenha melhorado bastante desde o início, quando costumava esgueirar-me da cama antes de ele acordar para aplicar corretor de olheiras. Comparado com a maioria dos homens, porém, ele pode ver-me tal como eu sou, à medida que me habituo a isto de uma relação a sério.

— Estás lindíssima — diz ele quando apareço, oferecendo-me um copo de vinho tinto. — O dia foi bom?

— Muito bom — respondo. — Ganhei o recurso.

— Ena. Isso é ótimo.

— Pois é. Era exatamente o que eu precisava para a minha candidatura a juíza. Vai ajudar-me a fazer um brilharete na entrevista.

Ele levanta o copo.

— Parabéns. Um brinde à futura Lady Munro.

— Só terei o título de Lady se chegar a juíza do Tribunal Superior.

— E lá chegarás. Não tenho a mínima dúvida de que és capaz de tudo o que quiseres.

O Gareth bebe um gole e eu bebo com ele, fitando-o no fundo dos olhos. Nunca esperei vir a ficar com um homem como ele, em vez de um libertino grisalho à procura de uma segunda esposa. É mais novo e mais atlético do que eu, ágil e tem uns olhos lindos, o cabelo farto. Além de ser fantástico com as mãos...

— Não sei como é que tive tanta sorte contigo — suspiro. — Ainda mal acredito que tenho o meu próprio *chef* particular.

— Mereces isso e muito mais — responde ele. — Eu também mal acredito que te encontrei. A pessoa de quem andei à procura a vida inteira.

Faço-lhe um grande sorriso e ele sorri-me de volta, com os nossos corações a baterem ao mesmo ritmo. Levo o garfo à boca e mastigo, a saborear cada pedaço. Ele fez uma *tagine* de frango, cheia de especiarias — cominhos, canela, açafrão —, a acidez dos pickles de limão a contrastar com a doçura dos alperces secos e o sabor picante das azeitonas verdes que ele próprio descarçou, cada uma cortada em quatro.

— Nunca ninguém tinha cozinhado para mim — lembro. — Não assim, pelo menos. Normalmente, já teria sorte se me fizessem uma sanduíche de bacon.

— Eu tenho ali um naco de bacon — diz ele. — Podes preparar-me uma sanduíche para o pequeno-almoço.

— Se tiveres mesmo a certeza que queres arriscar — respondo. Devoro o resto do molho com o garfo antes de pousar os talheres, passando o dedo pelo prato para lambar os últimos vestígios.

O Gareth ri-se de mim, mas eu encolho os ombros, num ar de desafio.

— Estava delicioso. O que é a sobremesa?

Em resposta, ele põe-se em pé e aproxima-se de mim. Faz-me levantar e dá-me um beijo antes de me morder o ombro.

— Tu — diz, despindo-me o top.

2

Acordo antes do Gareth e fico a observar a luz a alargar nas fendas das persianas, passando de um cinzento baço ao branco brilhante. Ele ressona baixinho, deitado de barriga para baixo, com um braço por cima de mim. Normalmente, eu já me teria posto a milhas, escapulindo-me cuidadosamente ao abraço, rezando para o meu homem do momento não acordar e flagrar a minha fuga.

Com o Gareth é diferente, porém. Desde o início que bateu tudo certo com ele. Conhecemo-nos há seis meses, em Edimburgo, num colóquio jurídico sob o tema *A Sentença nas Várias Jurisdições*. Tínhamos todos plaquinhas com os nomes, enquanto rondávamos o bufete. Ele estava vestido com a jaleca branca de *chef* e um chapéu alto, e aproximou-se com um prato de *mozzarella* para compor a mesa.

— Sylvie — comentou comigo. — Que lindo nome.

Depois, enquanto os delegados do colóquio circulavam à nossa volta, ficámos a conversar um bocado, o suficiente para me despertar o interesse e lhe dar o meu número. Era uma novidade refrescante, interessar-me por um homem no final da casa dos 30, com a linha do cabelo e a cintura ainda intactas.

Adiei o regresso a Londres e fomos jantar juntos na noite a seguir; a comida era boa e o vinho ainda melhor. Ele ia mantendo o meu copo bem cheio e a pulsação disparada. Havia um *frisson* na intensidade da expressão dele, com os olhos sem se desviarem praticamente dos meus enquanto lhe falava da minha vida, da carreira de advogada, da desilusão cada vez maior com os meus clientes empresariais, de como tinha mudado para o direito criminal, tornando-me além disso juíza distrital adjunta. Do sonho de me vir a tornar juíza dos tribunais superiores, um dia.

A passagem dele pelo mundo empresarial tinha sido ainda mais curta. Aguentara alguns anos numa companhia de seguros em Edimburgo antes de a morte da irmã o ter deixado à beira do abismo, fazendo-o largar tudo para abrir um negócio de catering.

— A vida é demasiado curta para ficarmos agarrados a um trabalho que odiamos — disse ele, recostando-se na cadeira enquanto engolia mais um pouco de vinho.

— Concordo plenamente.

— E as coisas estão a correr-me bem. Tenho o meu próprio negócio, agora. Tu viste. Fazemos imensas conferências. Casamentos, funerais, o costume. A maior parte do trabalho é em Edimburgo, mas estava a pensar expandir-me para sul. — Fez uma pausa. — Assim talvez te pudesse ir visitar regularmente...

Não respondi de imediato, tentando perceber o sentido das palavras dele. Revirando-as de todos os lados, para ver o que achava da ideia.

Parecia-me excelente.

— Já chega de falar de mim. Juíza distrital adjunta? O que significa isso? Não tem um ar muito pomposo — disse ele.

— É mais divertido do que parece à primeira vista. Dirijo uns julgamentos, de vez em quando. Sobretudo no Tribunal Juvenil.

Ele fez uma careta.

— Deve ser muito divertido. Roubos, aposto. Armas brancas. Um pouco de tráfico, também?

— Tudo isso, sim. E não te esqueças dos carros.

Ele riu-se.

— Que glamoroso. Ao menos podes mandá-los para a cadeia? Seria o único motivo de interesse, para mim.

— Não tenho a certeza de que essa fosse a atitude correta — disse eu. — Embora, para ser sincera, às vezes me apeteça bastante. Mas sim, posso proferir uma sentença máxima de dois anos de privação de liberdade.

Bebi o resto do copo de vinho, farta de falar sobre o trabalho. Afastei o cabelo do rosto e sorri.

— Mas enfim, vamos deixar de lado a conversa de chacha. Não é para isso que aqui estamos. Acho que sabemos os dois muito bem.

Fitámo-nos um ao outro, e eu fui a primeira a desviar os olhos. Sentia-me ansiosa, inebriada, com uma efervescência à flor da pele que tanto podia ser do vinho como da excitação.

— Ai sabemos? Conta lá, então. Porque é que estamos aqui? — perguntou ele, sem aguardar porém pela resposta. Esticou o braço por cima da mesa e pegou-me na mão, cravando-me o polegar com força na palma. Arregalei os olhos surpreendida, disposta a queixar-me, mas ele estava a sorrir-me, num tom de desafio. Cedi à dor e retribuí o sorriso. Estava pronta para tudo.

Isso foi há seis meses. Nunca me passou pela cabeça que fosse durar, mas ele tornou-se uma parte de mim. Viro-me na cama, enroscando a cara no ombro dele, antes de voltar a adormecer.

Mais tarde, admiro-lhe as costas, a forma como os músculos se movem debaixo da pele enquanto enfia a camisa pela cabeça.

Espreguiço-me na cama. Ele debruça-se para me dar um beijo.

— Isto foi ótimo — diz. — Estás livre hoje à noite?

— Pensei que hoje fosses para cima.

— Era esse o plano, mas afinal posso ficar mais uma noite — diz ele. — Se estiveres de acordo, claro.

— É claro que sim. Adoraria. Vamos sair?

— Porque é que não cozinhas para mim? Talvez possas convidar uns amigos. Acho que já é altura de os conhecer, ou não?

Sento-me em protesto.

— Estás a brincar? Não posso cozinhar para ti. És *chef*. — Opto por ignorar a segunda parte da pergunta.

— Sim, o que significa que passo a vida a cozinhar. Apetecia-me uma folga.

Solto um resmungo, ainda sem estar convencida.

— Não estou a pedir, e sim a mandar — diz ele, com um ar tão presunçoso que lhe atiro uma almofada. Em resposta, ele agarra-me no braço, arranca-me da cama e dá-me uma palmada no rabo antes de me voltar a atirar para o colchão e me montar. — Se calhar é melhor não te levatares ainda.

Apesar da delonga nos lençóis, consigo chegar a horas, entrando à pressa no vestiário do Tribunal de Southwark, satisfeita por a audiência das 11 horas ser a única do dia. Não tive tempo de comer em casa, pelo que o meu pequeno-almoço se resume a uma *Coca-Cola* e um *croissant* de queijo e fiambre da Prêt à Manger, que me faz lamber as migalhas dos lábios. O dia passa depressa, repleto de e-mails e reuniões telefónicas depois de sair da audiência, e quando dou por mim são horas de ir embora, sem mal ter tido tempo para respirar. A caminho da estação de metro, o telemóvel toca. Tiro-o da mala, a contar que seja o Gareth.

Não é ele. É a Tess. Vem-me à ideia a pergunta de há bocado do Gareth, sobre se não podia convidar os meus amigos para o conhecer. Ela seria a candidata mais óbvia: a amiga mais antiga que tenho, desde os tempos da escola. Detenho-me no passeio, encostando-me à parede para não empatar os outros transeuntes. Deveria convidá-la? Ando há meses a esquivar-me às perguntas da Tess sobre se estou a sair com alguém, com receio de me sujeitar ao escrutínio dela. Para ser justa comigo mesma, a verdade é que a Tess e o marido, o Marcus, estão à beira de um divórcio

litigioso, de maneira que também não quis esfregar-lhe a minha felicidade na cara. Mas não me parece que seja simples altruísmo. Terei medo que dê azar? Ou talvez não queira que ela torça o nariz à minha escolha. Está casada há anos e anos, mesmo que agora tenha dado para o torto. Tenho a certeza que ficaria feliz por me ver feliz. Mesmo que fosse à última hora, aposto que diria que sim, se eu a convidasse.

Peso os prós e os contras, ainda hesitante. Depois, lembro-me que teria de lhe explicar que já ando com ele há seis meses e nem sequer o mencionei de passagem, e o coração cai-me aos pés. Não me apetece fazer isto agora. Hei de combinar um copo com ela um dia destes e contar-lhe a história toda. Depois, posso apresentá-los um ao outro e serão tudo águas passadas.

Se ele perguntar, dir-lhe-ei que ela hoje estava ocupada. Tenho de me mentalizar, para os apresentar o mais breve possível. Talvez possamos ir jantar os dois com a Tess, e também com o Marcus, quando ele deixar de se portar como um parvalhão e voltar para ela. Mas ainda não. Estou sozinha há demasiado tempo para querer arriscar tudo se os apresentar cedo demais. Para expor o Gareth ao olhar mordaz da minha amiga.

Tomada a decisão, ponho o telefonema no silêncio e sigo em frente, leve como uma pena, para ir comprar os ingredientes para fazer frango no forno. É inútil tentar impressioná-lo: mais vale fazer algo comestível. Não foi por causa dos meus cozinhados que ele decidiu ficar, evidentemente.

O jantar é bastante satisfatório. O Gareth termina o seu prato, depois de repetir, lambendo os dedos deliciado.

— Estava ótimo — diz ele. — Adoro que cozinhem para mim.

Ocorre-me a dúvida repentina de quem mais é que poderá cozinhar para ele, noutras noites, noutras cidades. Mas apresso-me a ignorá-la. Não quero estar a ser neurótica: temos uma relação demasiado descontraída para isso.

— Ainda bem que gostaste. Agora, podes vir aqui.

Ele puxa-me para mais perto e começa a beijar-me, com as mãos a apalparem-me as costas. Mas larga-me de repente e afasta-se de mim.

— Trouxe-te uma coisa — diz, levando a mão ao bolso para tirar uma faixa de tecido preto.

— O que é isso?

— Uma venda. Achei que nos podíamos divertir um bocado. — Tira do outro bolso umas algemas e abana-as à minha frente.

É um bocado piroso, eu sei. Parece um *Cinquenta Sombras* de pacotilha, mas é terça-feira à noite e eu estou cansada de me armar em séria. O Gareth é divertido e desavergonhado, sem estar acomodado à vidinha como os meus amigos e sem se ralar minimamente com a minha idade.

— É uma ideia interessante — digo, esforçando-me por fazer um ar dengoso. — Em que é que estavas a pensar?

Ele revira os olhos com a minha tentativa falhada de apimentar a conversa. Leva-me até ao quarto.

— Tens a certeza disto? — indaga, antes de me prender os pulsos por cima da cabeça.

— A certeza do quê?

— De que queres ser algemada. Poderei fazer-te todo o tipo de coisas sem que tenhas maneira de me impedir.

— Estou mesmo à espera que faças — respondo, oferecendo-lhe o outro pulso.

— Agora a sério. Tens a certeza?

— A certeza absoluta. Para de falar, por favor. É exatamente isso que quero que me faças: o que te apetecer.

Depois disso, ele não volta a perguntar-me. E não demora muito até que eu própria deixe de ser capaz de dizer seja o que for, com todos os sentidos mais despertos quando ele me tapa os olhos e a noite começa.

3

O Gareth vai-se embora de manhã bem cedo, para chegar a tempo de um evento em Edimburgo à noite. Eu abalo depois para o trabalho, seguindo até Holborn para me enfiar no escritório, com os oficiais de justiça a acenarem-me os bons-dias. Tenho duas reuniões telefónicas e uma comissão de estágio marcadas antes de poder trabalhar mais um bocadinho na candidatura a juíza. É outra razão para me manter em contacto com o Marcus. Ele é um conselheiro da rainha bem-sucedido e juiz em part-time, e queria pedir-lhe conselhos acerca do processo, já que ele o percorreu há poucos anos. Tenho andado a protelar a conversa, para não parecer que tenciono tomar partido por ele na separação com a Tess, mas se calhar chegou a altura de ter uma conversinha com ela, pedir-lhe a bênção para falar com o Marcus acerca do assunto.

Não posso continuar a adiar. Mando uma mensagem à Tess a sugerir que vamos tomar um copo. Abro o portátil e contemplo a página da Comissão de Nomeações Judiciais com uma certa sensação de pavor antes de inspirar fundo e começar. O prazo limite está a aproximar-se e quase não tenho tempo para pensar, quanto mais para consultar o telemóvel a ver se ela respondeu. De vez em quando lembro-me do Gareth, da maneira como me

senti quando ele estava em cima de mim ontem, mas rechaço o pensamento. Não me posso permitir a distração.

Ao fim do dia, estou cansada, com o cérebro em água e a zunir de todos os pratos que me vi obrigada a girar ao longo do dia. Sento-me no metro até casa de olhos fechados, com imensa vontade de me ir deitar bem cedo. Os últimos dias foram muito intensos, preciso mesmo de descansar. Quando chegar a casa, vou vestir umas calças de fato de treino e uma camisola com capuz, prender o cabelo num rabo de cavalo. Não estou a contar receber visitas e o Gareth voltou para Edimburgo, posso-me permitir o desleixo.

Faço uma omelete de queijo e sento-me a comer em frente à televisão, a ver um DVD de um episódio de uma série policial. Olho de quando em vez para o telemóvel, mas não há novidade nenhuma. O Gareth deve estar a trabalhar e a Tess ainda não me disse nada. Fico espantada: ela costuma ser rápida a responder, mas se calhar também está ocupada.

Acabo de jantar e como uma maçã, olhando para as casas das traseiras pela janela da cozinha. Há um homem sentado à secretária a trabalhar; uma mulher a lavar a loiça. Ouvem-se os gritos de crianças antes de uma delas desatar a chorar e uma porta bater. Penso na Tess e no Marcus, na casa deles, com o seu jardim cercado, que os vizinhos não podem espreitar. A Tess nunca permitiria que ninguém a visse de calças de fato de treino, como as que eu estou a usar. Nem por cima do seu cadáver. Quando estou com eles, sinto-me sempre a filha rebelde do casal, a enfrentar os pais circunspetos na sua casa imaculada.

O que irão achar do Gareth? Espero que gostem dele. Pergunto-me se acrescentar outra pessoa à equação não poderá perturbar a dinâmica da nossa amizade. Eu sempre fui uma espécie de pau-de-cabeleira desde que eles se juntaram como casal. Fui sempre bem acolhida à mesa deles. Nas festas e nas férias. Estender-lhe-ão a mesma hospitalidade?

Pego no telemóvel e escrevo outra mensagem à Tess. Já lhe mandei a primeira há quase doze horas. Era um pouco vaga — *Apetece-te ir beber um copo um dia destes?* —, pelo que resolvo ser mais específica. *Noitada de copos amanhã? Queria contar-te uma coisa.* Bjs. Isto deve servir. Embora tenhamos saído da escola há mais de 20 anos, continuo a ficar ansiosa sempre que ela não me responde. É um mecanismo completamente irracional, mas fico cheia de medo que ela tenha resolvido deixar de falar comigo por alguma razão; que eu tenha feito algo de muito errado, mesmo que não me lembre. Abano a cabeça, a tentar repelir a preocupação.

Meia hora depois, o meu telemóvel continua mudo. Carrego nos botões do ecrã e abro a pasta do lixo, para o caso de a Tess me ter mandado um e-mail que tenha ido lá parar por engano. Agora que já decidi que lhe quero contar acerca do Gareth, apetece-me fazê-lo imediatamente. Ele faz parte do futuro que tenho andado a planear, da minha nova vida em que irei assumir o papel de protagonista, em vez de segundo violino da minha melhor amiga. Mas não há mensagens, nada.

Pouso o telemóvel e vou tomar um banho, deixando-me espumar na banheira enquanto os últimos dias se desvanecem com a água. Estou demasiado cansada para ler, pelo que me deito em vez disso com a cabeça debaixo de água, a ouvir o gorgolejar dos canos e o som das torneiras a correrem nos apartamentos por baixo e por cima do meu. Encho a banheira até à borda de água quente e fecho a torneira com a ponta do pé. Sinto-me calma, relaxada, com o sono a envolver-me lentamente, quase ao meu alcance.

A água acaba por ficar fria, e são horas de sair. Tenho as pontas dos dedos engelhadas e secas. Olho à volta da casa de banho minúscula. Precisa de uma boa esfrega: há restos de sujidade por todo o lado. Também deve haver restos do Gareth, vestígios da última noite. Ele usou preservativos, e ocorre-me de repente que talvez pudesse tirar um deles do caixote de lixo, espremer o esperma e tentar inseminar-me com ele.

Volto a entrar na banheira e ligo o duche no máximo, pondo-me debaixo de água fria para lavar o cabelo, expurgar aquela ideia absurda. Depois de me secar e vestir, pego num saco de lixo e esvazio o caixote a abarrotar da casa de banho, antes de me dirigir ao quarto para despejar o cesto de papéis e andar às voltas na sala e na cozinha a recolher os guardanapos e as embalagens vazias, pedacinhos de lixo espalhados. Hei de aspirar e esfregar o chão amanhã, pôr a casa decente.

Quando volto ao apartamento depois de ir deitar fora o lixo, ouço o telemóvel a apitar. Até que enfim. As dúvidas afrouxam no meu íntimo, uma ansiedade que não estava disposta a admitir. A Tess respondeu. Não resolveu ignorar-me. Vou poder contar-lhe tudo acerca do que tem acontecido: da minha relação com o Gareth, na qual deposito grandes esperanças. Tenho um futuro radioso pela frente. Não apenas uma promoção em perspetiva, mas também um namorado. As várias particularidades de uma vida adulta.

Só que a mensagem não é dela, e sim do Gareth. Pode ser fofinho da parte dele, mas não era o que eu estava à espera. Quando pego no telemóvel para lhe responder, porém, ele começa a tocar. É a Tess. Finalmente.

Mas o relampejo de alívio desaparece num ápice. Já são quase 23 horas da noite. Porque é que não me mandou uma mensagem? A Tess nunca telefona a ninguém depois das 21 horas, a não ser que se trate de uma emergência. É uma regra a que se aferrou a vida de adulta inteira, um dos vários limites que estabeleceu para contrariar o caos da sua infância, já que a mãe não se preocupava minimamente com esse tipo de considerações. O dedo paira-me por cima do botão verde, retido pela estranha premonição de que o que ela me quer dizer vai mudar tudo. Inspiro fundo.

— Olá — atendo.

— Sylvie! — diz ela.

— Está tudo bem?

— Está tudo ótimo. Estava só demasiado cansada para me pôr a escrever.

— Certo. Fiquei preocupada.

Ela ignora o meu comentário.

— A resposta é sim.

— Sim, o quê?

— Sim à noitada de copos de amanhã. Encontramo-nos no Eagle?

— É claro. Devo estar despachada às seis. Encontramo-nos lá.

Ela desliga. Eu devia estar satisfeita. Consegui marcar o encontro. Vou poder finalmente contar-lhe do Gareth. Mas não sou capaz de me libertar da sensação de que há algo de errado, com uma sombra a pairar-me no cérebro.

4

Passo o dia seguinte bastante ocupada: o suficiente para manter bem longe do espírito os receios com a Tess. Ou quase, pelo menos. Tenho uma longa reunião sobre um processo de acusação que estou a dirigir, de um senhorio desonesto acusado de homicídio corporativo involuntário na sequência da morte completamente evitável de um dos seus inquilinos por causa de uma fuga de monóxido de carbono. Lá bem no fundo, sinto um tambor a bater, lenta e inexoravelmente. A hora do vinho vem aí, e a Tess há de estar à minha espera, com um copo de *Sauvignon* na mão. Eu devia estar radiante com a perspectiva do encontro, mas sinto-me inquieta.

O tom dela ontem era muito formal e distante. Mas tinha além disso um tremor latente sob a superfície, como uma corda retesada, vibrações a cruzarem o éter entre o telemóvel dela e o meu.

É hora de almoço. Num dia normal, iria até à *Prêt à Manger*, e comprava o meu *wrap* de abacate com patê de feijão branco e uma garrafa de água com gás: um pequeno luxo e um ato de rebeldia contra todas as garrafas de água reutilizáveis nas secretárias à minha volta. Hoje, porém, não tenho fome nenhuma, com a inquietude que se alojou dentro de mim, desde o telefonema da Tess ontem à noite, a corroer-me as entranhas. Trabalho de

enfada o resto da tarde, afogando as preocupações com um mergulho de cabeça no julgamento por fraude que tenho marcado para o início do próximo ano.

Até que chega por fim a hora de ir ao *pub*. Encaminho-me vagorosamente até lá, ainda inquieta, embora não seja capaz de articular ao certo porquê. Já sei que é irracional. Na pior das hipóteses, ela prepara-se para me anunciar que se vai mesmo divorciar do Marcus. Também não seria o fim do mundo. Já testemunhei algumas das discussões deles: nem sempre trazem a melhor faceta de cada um ao de cima.

Espero alguns instantes à porta do Eagle, sem distinguir a Tess em nenhuma das mesas lá dentro, até que a vejo a descer Farringdon Road na minha direção. Vista assim de longe, parece completamente normal, e o meu coração fica mais aplacado, com os receios que o toldaram desde que ela ligou a começarem a desvanecer-se. Quando ela se aproxima, porém, as sombras exacerbam-se de novo. O que é feito do sorriso dela?

Nem sequer me abraça ao chegar ao pé de mim, limitando-se a acenar com a cabeça e a entrar no *pub* à minha frente. É relativamente cedo, pelo que ainda conseguimos arranjar uma mesa junto à janela. Sem me cumprimentar como deve ser, nem tão-pouco me perguntar o que eu quero, a Tess dirige-se imediatamente ao balcão para pedir qualquer coisa. Vejo o barman sacar a rolha a uma garrafa de vinho tinto e tirar dois copos da prateleira de cima, polindo-os com um pano antes de os pousar no balcão. Ela paga em dinheiro e enfia o troco no bolso. Pega na garrafa com uma mão e nos dois copos com a outra e faz menção de voltar para a mesa, mas antes disso ainda se vira para trás e diz não sei quê ao barman, que acena que sim enquanto toma nota num bloco.

— Pedi uma dose de batatas fritas — explica ela ao regressar.
— Estou a morrer de fome.

— Está bem — digo, pegando no copo de vinho que ela me oferece. Passam-me várias outras respostas pela cabeça (ando

a evitar os hidratos de carbono; não me apetecia começar já a beber; preferia vinho branco), mas a Tess faz sempre questão de montar o cenário à sua maneira. Além disso, estou a ver uma taça de batatas fritas pelo canto do olho na mesa ao lado e têm um aspeto delicioso, douradas e estaladiças. Lembro-me que não cheguei a comer o meu *wrap* de abacate ao almoço.

A Tess remexe na echarpe e ajeita-se na cadeira de madeira, como se não conseguisse arranjar uma posição confortável. Finalmente, recosta-se para trás.

— Este sítio é porreiro — diz ela. — Já não vinha aqui há anos. Devíamos vir mais vezes.

— Eu venho montes de vezes — respondo. — Fica perto do trabalho, mas não demasiado. E assim também não tropeço nos idiotas de Temple.

— Pensei que te desse jeito, sim.

Inclino-me para trás na cadeira, a sorrir-lhe.

— É tão bom ver-te, Tess. Tenho montes de notícias. Aconteceu-me uma coisa fantástica. Mesmo muito excitante.

A expressão do rosto dela mantém-se inalterada. É como se não me tivesse ouvido. Nem sequer me faz um sorriso, antes de bebericar o seu vinho. Eu já vou a meio do meu copo. O silêncio paira no ar, pesado, mas, apesar da falta de resposta, ela não mostra nenhuma hostilidade. Apenas tensão, a crepitar entre nós duas.

— Conheci uma pessoa — continuo, recusando-me a desanimar. — Ele é maravilhoso. Temos uma relação a sério. Imagina só: eu, a andar com alguém.

Ainda nada da Tess. Ela olha fixamente em frente, com os olhos quase embaciados. Sinto uma súbita vontade de me debruçar por cima da mesa, estalar os dedos em frente à cara dela, dar-lhe um berro. Qualquer coisa que lhe chame a atenção. Mas é claro que me contenho.

Por fim, a Tess pigarreia. Inclino-me ansiosa para a frente, preparada para qualquer comentário. Mas ela continua sem falar,

afundando-se ainda mais na cadeira enquanto bebe um gole de vinho. Eu também engulo mais um trago, saboreando o calor e a fragrância do *Valpolicella* na boca. Devia estar mais nervosa, se não fosse pela magia costumeira do álcool. Ela volta a pigarrear e humedece os lábios com a ponta da língua. O vinho tinto deixou-lhe umas pequenas manchas vermelhas nos cantos da boca, e sob a luz mortiça do *pub* dir-se-ia quase que está meio a sorrir. Só que não está, tem uma expressão muito grave.

— Sylvie? — acaba por dizer. — Há uma coisa que preciso de contar-te, Sylvie.

— O que é que me queres contar?

— É muito difícil — diz ela. — Não sei como dizer.

— O que é que pode ser assim tão difícil? — questiono. — Se tu e o Marcus se vão divorciar, podes contar-me à vontade. A sério, não é como se eu fosse vossa filha, nem nada. — Dou uma risada, mas cai em saco roto. Ela abana a cabeça.

— Queria contar-te... — começa, mas nesse preciso instante o meu telemóvel apita. Normalmente, não olharia para ele, mas agora estou chateada. Parece que ela está a tentar aumentar artificialmente a tensão, acrescentar um momento de suspense a uma situação que não o merece de todo. Além disso, ignorou-me por completo, ao meu grande anúncio, ao facto de a minha vida ter mudado de uma forma tão decisiva. Está a ser demasiado misteriosa e titubeante em relação àquilo que será só com certeza mais um ror de queixas acerca do Marcus. Nada de muito importante, nada que justifique todo este drama.

— Sylvie — diz ela, numa voz amarga, e eu levanto os olhos, como que a pedir desculpa. — Sylvie.

Ainda tenho o telemóvel na mão quando ela começa a falar. Antes de chegar ao fim, porém, já o deixei cair, com o conteúdo da mensagem de trabalho completamente apagado pela magnitude do que ela tem a dizer.

NESTA VÉSPERA DE ANO NOVO TÃO ESPECIAL, TUDO ACABARÁ À MEIA-NOITE.

É noite de passagem de ano e o palco está montado para uma festa luxuosa num dos melhores bairros de Edimburgo. Para Tess, este é o momento de se voltar a reunir com amigos há muito perdidos. Tendo sido diagnosticada com uma doença potencialmente fatal, esta poderá ser a sua última hipótese de emendar alguns erros do passado. Ao mesmo tempo, vendo o seu casamento a passar por dificuldades, sabe que será a oportunidade perfeita para renovar os votos com o seu marido, Marcus, rodeados por pessoas que os amam.

Ao saber do estado de saúde de Tess, Sylvie, a sua amiga mais próxima, percebe que o tempo pode estar a esgotar-se. A única coisa que pode fazer é oferecer uma sensação de alívio à amiga relativamente à culpa que assombra ambas há décadas.

O céu ilumina-se com fogo de artifício e o champanhe enche os copos dos presentes — mas esta celebração não irá correr como o esperado.

PORQUE, ATÉ AO FIM DA NOITE, ALGUÉM IRÁ MORRER.

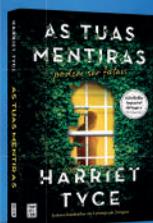
À medida que a meia-noite se aproxima e a contagem decrescente começa, torna-se claro que existe alguém que não procura resoluções para o novo ano.

UM DOS CONVIDADOS PROCURA VINGANÇA.

«Um policial perfeito.»

Clouser

**LEIA
TAMBÉM:**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Thriller

 penguinlivros.pt
  topseller.editora

ISBN 9789896237837



9 789896 237837 >